

# ANAIS DE FILOSOFIA CLÁSSICA

## Como pode o movimento ser um ato?

Rafael Mello Barbosa<sup>1</sup>  
CEFET-RJ

---

RESUMO: O objetivo geral deste artigo é mostrar que noções distintas de movimento implicam em compreensões diferentes de mundo e de conhecimento e vice-versa. O objetivo específico é apresentar a noção de movimento elaborada na *Física* de Aristóteles e sua recepção a partir de Simplicio.

PALAVRAS-CHAVE: Aristóteles; *Física*; Ontologia; Natureza; Movimento.

ABSTRACT: The general objective of this article is to show that distinct notions of movement imply in different understandings of world and knowledge and vice versa. The specific objective is to present the notion of movement elaborated in the *Physics* of Aristotle and its reception from Simplicius.

KEYWORDS: Aristotle; *Physics*; Ontology; Nature; Movement.

---

O objetivo geral deste artigo é mostrar que noções distintas de movimento implicam em compreensões diferentes de mundo e de conhecimento e vice-versa. O objetivo específico é apresentar a noção de movimento elaborada na *Física* de Aristóteles e sua recepção a partir de Simplicio quando a definição mesma passa a ser compreendida por uma paráfrase.

Em conformidade com a metodologia mesma da *Física*, que julga mais adequado começar por aquilo que é “mais próximo para nós”<sup>2</sup>, primeiramente traçaremos, em linhas gerais, algumas das diferenças entre a noção de movimento disseminada nos dias de hoje, da noção desenvolvida por Aristóteles. Para isso, faremos uso da tipologia do movimento apresentada na *Física*, que permite ver imediatamente essa diferença. Depois de tratarmos do que não esperar da teoria física de Aristóteles,

---

<sup>1</sup> Este artigo decorre da apresentação realizada no seminário de 2017 “Aristóteles e o Movimento” organizado pelo laboratório OUSIA/UFRJ e financiado pela CAPES no âmbito do acordo de cooperação Capes/Cofecub 841/15 “PRÁTICAS E TEORIAS DA POÉTICA NA GRÉCIA ANTIGA: DE PARMÊNIDES A ARISTÓTELES”.

<sup>2</sup> Aristóteles, *Física*, 184a16-17. As traduções de Aristóteles e Simplicio foram realizadas pelo autor.

Barbosa, Rafael Mello  
*Como pode o movimento ser um ato?*

passaremos àquilo que devemos esperar, isto envolve perceber a importância das noções de natureza e de princípio. Por fim, abordaremos a definição de movimento apresentada no livro III da *Física* e a paráfrase de Simplicio.

### **Algumas distinções entre a física moderna e a aristotélica**

Os tipos de movimento apresentados no livro três da *Física* são: geração e corrupção, crescimento e decrescimento, alteração qualitativa, e deslocamento. Os tipos de movimento indicam que aquilo que Aristóteles compreende por movimento é bastante diferente daquilo que nós compreendemos. Para nós movimento é sinônimo de deslocamento de corpos e, como corpos compreendemos um livro, uma árvore, um homem, um astro celeste ou uma partícula subatômica, qualquer coisa que possua quantidade de matéria. A primeira definição de Newton nos *Princípios* diz com mais precisão:

Definição 1: A quantidade de matéria é a medida da mesma, oriunda conjuntamente da sua densidade e grandeza.

O ar duplamente mais denso, num duplo espaço, é quádruplo.... É essa quantidade que tomo muitas vezes a seguir sob o nome de corpo ou massa. Conhecemo-la pelo peso de qualquer corpo, pois esta é proporcional ao peso. (NEWTON, 1993, p.5)

Pensar o corpo exclusivamente como uma quantidade de matéria, permite dizer que corpos serão equivalentes quando possuírem grandezas e densidades equivalentes. Todavia, tal noção de corpos só pôde ser formulada após ter-se abandonado a noção de natureza como natureza de cada coisa. Esta noção de corpo, uma vez que considera exclusivamente a materialidade das coisas em função da sua quantidade, deixa de lado as relações da matéria com aquilo que as coisas são. Grandeza e densidade não são características que permitam se aproximar da qualidade essencial da cada coisa, a menos que por qualidade essencial compreenda-se apenas a extensão no espaço da matéria. Disso decorre que o físico moderno não está interessado em conhecer aquilo que distingue cada coisa, mas antes, preocupa-se com um modelo que permita reduzir e controlar.

O movimento é igualmente visto como uma quantidade pela física moderna. Newton entende o movimento como uma quantidade relativa tanto à velocidade quanto à quantidade de matéria. Assim, se dois corpos estão andando lado a lado na mesma velocidade e um tem o dobro da massa do outro, o movimento dele também será o

Barbosa, Rafael Mello  
*Como pode o movimento ser um ato?*

dobro.

Quando ouvimos falar em movimento tendemos a pensar exclusivamente na quantidade de movimento dos corpos, que é o que nos permite comparar a velocidade de corpos diferentes (como dois carros em alta velocidade), ou pensamos na força inercial da matéria, que leva os corpos a permanecerem em repouso ou em movimento em suas trajetórias retilíneas e uniformes (como os objetos abandonados no espaço sideral que continuam seguindo em frente indefinidamente).

Da mesma forma que o corpo, pensar o movimento desta forma implica em não se ocupar com os modos de determinação das coisas naturais e aqueles que são determinados por elas, acontece aí o afastamento do ente natural. Se quando penso em uma teoria geral de movimento de corpos, eu não considero de modo algum se é homem, falcão ou girassol, eu estou optando por deixar de lado as estruturas que permitem compreender os movimentos que são próprios e constituem o homem, o falcão, o girassol e o sol. Desse modo, deixa-se de lado o movimento dos entes naturais em função do movimento dos corpos. Entretanto, corpos não são entes naturais auto-subsistentes, mas abstrações deles. Que não são um ente natural entre outros, não é difícil de ver pois, não encontramos nenhum corpo como tal em algum tempo ou em algum lugar, mas, ainda assim, existem em função dos entes que são no tempo e no espaço.

Para a *Física* aristotélica importa menos uma teoria geral do deslocamento abstraída do que cada coisa é, e mais pensar uma teoria geral do movimento que permita estruturar um conhecimento de movimentos que sejam determinantes para que a coisa chegue a ser o que deve ser e, igualmente, que sejam determinados por aquilo que ela é. Devemos ler a tipologia do movimento aristotélica em função desta estreita preocupação com o que as coisas são e não são.

Retomado o que falamos acima, os tipos de movimento elencados na *Física* são: alteração, crescimento e decrescimento e locomoção<sup>3</sup>. Pensar a alteração como o movimento, indica preocupação com o vir a ser e o deixar de ser característico das coisas. Preocupar-se com a alteração (como quando um homem fica moreno quando exposto ao sol) de *corpos* no sentido acima exposto, não faz lá muito sentido, pois, corpos somente alteram-se de modo quantitativo, em grandeza e densidade. Pode-se

---

<sup>3</sup> *Física*, 201a 10-16.

Barbosa, Rafael Mello  
*Como pode o movimento ser um ato?*

dividir um corpo ao meio e ele continuará sendo um corpo, se adicionamos o dobro de massa a um corpo ele continua sendo um corpo. Contudo, dificilmente se cortamos ao meio um ser vivo ele continuará sendo o mesmo, ou se amarrássemos mais carne a um homem, não faria dele um homem com um corpo maior. Corpo não é um ente que esteja submetido à alteração.

Do mesmo modo seria bastante estranho pensar no crescimento ou decrescimento de um corpo, a menos que fosse como retirada ou acréscimo ou como diminuição ou aumento da densidade da matéria. Um corpo com maior quantidade de matéria é outro corpo, isso significaria que quando entes naturais crescem deixariam de possuir o mesmo corpo. Ainda que crescamos ao longo da vida, isso que cresce não deve ser considerado corpo no sentido em que estamos tratando, a menos que fosse possível considerar como o mesmo corpo, corpos com tamanhos e densidades diferentes.

O que talvez figure como mais estranho para os dias de hoje, é perceber como movimento o fato de ficar moreno quando exposto ao sol ou tornar-se culto. No primeiro caso, não parece que algo se mova verdadeiramente, ainda que consigamos perceber que algo mude e se transforme, vemos uma mudança, uma transformação, mas não um movimento, posto que não há locomoção. O segundo exemplo nos parece ainda mais estranho, pois, de fato, o tornar-se culto não acontece na matéria extensa, no corpo; o que pode ou não se tornar culto é algo como o espírito ou o intelecto dos homens. Se o intelecto ou o espírito não possuem extensão, como poderiam experimentar o movimento?

Também a teoria do movimento local aristotélica parece hoje absurda, mas ajuda a ver a preocupação com a natureza. Para Aristóteles, os elementos tendem ao seu lugar natural, a água e a terra para baixo, ar e fogo para cima. Aristóteles, ao que parece, não está disposto a admitir entre corpos simples algo que seja completamente destituído de existência natural. O corpo como mera extensão não tem existência efetiva e separada no mundo físico, nem mesmo como um objeto artificial criado por homens, por isso ele é compreendido como abstração intelectual que retém da matéria o fato de poder ser dita como “algo que possui três dimensões”<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> *Tópicos*, 142b24.

Barbosa, Rafael Mello  
*Como pode o movimento ser um ato?*

### **O que esperar da definição de movimento de Aristóteles**

Agora que temos mais ou menos a ideia do que não devemos esperar da noção de movimento em Aristóteles, vamos ver o que devemos esperar.

O movimento em Aristóteles tem íntima conexão com a natureza de cada coisa, como já dissemos. Ele parece na sua *Física* como derivado da noção de natureza. “Todos os entes por natureza mostram ter neles mesmo princípio de movimento e repouso.”<sup>5</sup>

Entes por natureza são ditos como aqueles que têm em si princípio de movimento. De outro modo, o princípio do ente natural, a natureza, impele movimentos, mudanças e repousos às coisas que as têm como princípio.

A noção de natureza merece algumas palavras. Ao falar de Aristóteles há uma tendência a pensá-lo segundo preocupações mais metafísicas do que físicas. Isso em função da importância que a obra *Metafísica* assume nos dias de hoje. Contudo, afirmar algo do tipo seria um contrassenso por três motivos: ele desconhece a denominação metafísica; muitos dos livros da metafísica estão preocupados em pensar questões relativas à natureza e aos entes naturais, e o terreno da física poderia ser alocado no que hoje compreendemos como metafísica<sup>6</sup>.

A denominação *Metafísica* não foi dada a esta obra pelo próprio Aristóteles, ao que parece não fazer uso desta expressão em nenhuma parte da sua obra. No lugar dessa expressão, ele designa a investigação equivalente como, sabedoria, ciência primeira, filosofia primeira, investigação do ente enquanto ente e teologia. Além disso, é provável que Aristóteles não tenha reunido em uma obra os textos da metafísica, e seja ela mesma uma compilação de textos diversos sobre aqueles temas reunido por Andrônico de Rhodes. É possível supor que tal denominação tenha sido dada para mostrar o vínculo que tais textos tinham com a *Física*. Dizer *Metafísica* (*tá metá tá phusika*), dá a entender que tal estudo é considerado como um estudo suplementar ao estudo da *Física*.

Tal relação não é difícil de perceber quando notamos que a maioria dos livros da *Metafísica* concernem à questões relativas à natureza. Nos livros X e XII a doutrina das quatro causas desenvolvida na *Física* e apropriada ao ente natural é textualmente retomada e aprimorada sob aspectos diferentes. Nos livros II e III, a doutrina das quatro

---

<sup>5</sup> *Física*, 192b 12-13.

<sup>6</sup> ROSS, 1997, vol. I, p. Lxxix. “it cannot be said that in practice the distinction between physics and metaphysics is well maintained by Aristotle, and it may be noted that the bulk of *Physics* is what we should call metaphysics.”

Barbosa, Rafael Mello  
*Como pode o movimento ser um ato?*

causas explicitamente citada ao levantar os problemas e questões que servirão como guia para o estudo subsequente. O livro IV é dedicado ao princípio de não-contradição, e o tempo está presente no enunciado deste princípio para indicar que ele o abarca e legisla igualmente os entes móveis. O Livro V, que funciona como um glossário de conceitos, apresenta entre os quatro primeiros o princípio, a causa, o elemento e a natureza. No livro VI, entre outras coisas distingue-se as diversas ciências e a *Física* é apresentada como ciência segunda. Os livros VII, VIII e IX são dedicados à substância sensível. Talvez apenas os últimos livros estejam mais longe da reflexão sobre as coisas da física e mais próximas da matemática. A reflexão sobre a natureza perpassa os principais livros da *Metafísica* uma vez que ela é causa paradigmática dos seres.

A diferença entre estas duas investigações fica mais evidente quando lembramos daquilo que Aristóteles diz no segundo livro da *Física*, a natureza é dita de dois modos, como forma e como matéria<sup>7</sup>. A matéria é determinada pela forma, Aristóteles chega a falar de “amor” para explicitar essa tendência da matéria à forma. A natureza é sempre um subjacente em um subjacente<sup>8</sup>. Por exemplo uma cerejeira, onde encontramos a cerejeira senão nas raízes, nos galhos, nas flores e frutos? Mas em função de que vieram a ser tais raízes, galhos, flores e frutos? O pensamento físico aristotélico não parece supor a ideia de uma matéria pura que fosse a mesma base para toda e qualquer coisa, ao contrário, a matéria já é uma expressão da forma da coisa, essa seria a razão de não existir uma matéria ou uma madeira que não seja uma madeira de tal ou qual árvore. Estudar os modos como a matéria se torna determinada é o objetivo principal da *Física*, o estudo da forma por si mesma é o objetivo da metafísica.

Desse modo não fica difícil de perceber que devemos esperar que o movimento apareça como resposta ao modo como os entes que são por natureza chegam a ser aquilo que são. Se a natureza é um princípio que impulsiona a coisa para sua realização, é pelo movimento que tal realização acontece, aquilo que é para o princípio impulso, para o ente por natureza é o movimento.

### **Definição de movimento e a paráfrase da definição**

Até agora ficamos ocupados com o que não esperar e com o que esperar da noção de movimento em Aristóteles, mas, agora vamos diretamente ao ponto tanto

---

<sup>7</sup> *Física*, 193b 6-7.

<sup>8</sup> *Física* 192b 34 – ὑποκείμενον γάρ τι, καὶ ἐν ὑποκειμένῳ ἐστὶν ἡ φύσις αἰεί.

Barbosa, Rafael Mello  
*Como pode o movimento ser um ato?*

quanto o possível. Pelo que foi dito acima não deveria ser difícil ver que a compreensão aristotélica sobre o movimento destoa daquelas filosofias que erigiram e mantiveram como verdadeira a tábua de contrários em que de um lado está o ser, o limite, a direita, a luz, o bom e o repouso e, do outro o não-ser, o ilimitado, a esquerda, a escuridão, o mal e o movimento. Aristóteles, por sua vez, apresenta o movimento como algo em ato, isto é, como efetivamente existente. Se a tábua de contrários funcionasse na filosofia aristotélica, o movimento deveria ser alocado do lado direito, junto aos itens positivos. Contudo, Simplício, em seu comentário à física de Aristóteles, entende e formula uma versão da definição onde o movimento passa a ser dito da potência e não do ato, retirando-lhe o caráter de ser plenamente existente. Algumas palavras precisam ser ditas sobre tal versão, não porque ainda hoje ela seja considerada válida, mas porque ainda hoje a muitos comentadores parece estranho dizer que movimento é um ato.

Coloquemos lado a lado as palavras de Aristóteles e as de Simplício para que fique claro a discrepância. A definição de movimento conforme proposta por Aristóteles é a seguinte: “Movimento é ato do ente em potência enquanto tal”<sup>9</sup>, a qual é seguida pela observação “a dificuldade de conceber o movimento é que tendemos a alocá-lo exclusivamente como privação, potência ou ato, mas nenhuma dela parece ser possível”<sup>10</sup>.

Por sua vez, Simplício, parece julgar inadequada tal definição e a reinterpreta como “movimento é a elevação, a passagem da potência para o ato”<sup>11</sup>, e esta paráfrase é assumida por ele como se fosse a definição de movimento. Dessa maneira, aquilo que é definido primeiramente como ato, passa a ser defendido como algo dito da potência, operando-se assim, uma certa inversão do núcleo estrutural da definição.

Inicialmente esta nova definição pode até parecer aceitável, pois de fato, identificamos movimento quando percebemos a transição da potência para o ato e enquanto não se chega ao ato pleno, como por exemplo, quando a casa está sendo construída, mas a construção ainda não está pronta. Assim, a casa nem está totalmente em potência, porque já está antevista na construção, nem totalmente em ato, uma vez que não está pronta. Ela estaria em um estado intermediário onde o estado potencial vai ficando para trás e o atual vai se tornando completo, e o deixar para trás a potência e se

---

<sup>9</sup> *Física*, 201a11.

<sup>10</sup> *Física*, 201b33-35.

<sup>11</sup> SIMPLICIO, 9.415. 13-14 – ἡ ἀπὸ τοῦ δυνάμει ἐπὶ τὸ ἐνεργεῖα διανύστασις κίνησις ἐστὶ.

Barbosa, Rafael Mello  
*Como pode o movimento ser um ato?*

direcionar para a completude seria o movimento.

Não é difícil ver a falta evidente que ostenta a solução de Simplicio e muitos foram aqueles como Tomás de Aquino, Brentano, Kosman e Aubenque que a identificaram<sup>12</sup>, mas poucos não foram contaminados por ela. Deve-se atentar que com a sua nova definição, Simplicio não diz o que é o movimento, mas aquilo que resulta dele. De fato, quando ocorre movimento, algo que era potencial passa a ser atual e a privação passa a forma, mas isso não quer dizer que movimento seja a passagem da potência ao ato completo, assim como o ajuntar tijolos e argamassa não é a construção, mas acontece quando se dá a construção. O evidente problema da interpretação de Simplicio, não poderia ser outro: quando afirma o movimento como a passagem ou a elevação do potencial para atual, ele já está pressupondo a noção de movimento nas noções de passagem ou de elevação. Definir o movimento como passagem, não é outra coisa que tentar definir afirmando que o movimento é movimento de... Além da petição de princípio evidente, Aristóteles afirma algumas vezes que não há movimento de movimento ou mudança de mudança, isso nos levaria a uma redução ao infinito. A nova definição de movimento apontada por Simplicio é circular.

A razão de fundo desta interpretação pode ser encontrada na compreensão inadequada do que é princípio, o que resulta tanto no distanciamento dele do mundo quanto na impossibilidade de dizer o movimento verdadeiramente como ato.

Em uma rápida análise da noção de princípio duas noções são requisitadas, uma vez que princípio é um conceito que demanda um outro derivado dele. O conceito de princípio requer dois termos, a saber, o princípio ele mesmo e aquilo que o princípio

---

<sup>12</sup> Ver AQUINO, 1995, p. 282 e 287: “todos os gêneros são divididos ao diferenciar contrários e deve haver em cada gênero um perfeito e um imperfeito” e “um ato perfeito que é o fim do movimento, e um imperfeito, que é o movimento”. BRENTANO, 1862, p. 78: “Estas duas interpretações atribuem paralelamente ao ente em movimento um modo específico de reunião de um estado potencial e de um estado atual”. ROSS, 1936, p. 45: “Em um sujeito de movimento nós podemos distinguir dois elementos que são factualmente unidos, mas são conceitualmente distintos, sua atual X-dade (digo a bronzidade de uma peça de bronze) e a sua capacidade de ser transformada em um Y (digo a estátua). Movimento é a atualização, não da sua X-dade (que já é atual antes do movimento começar). Pois a atualização de sua capacidade deve ser ou o movimento que transforma X em Y, ou o Y que é produzido. Movimento é identificado nem com X nem com Y, mas com a transição de X para Y. Sendo a atualização de uma potencialidade, isso existe somente enquanto a potencialidade está sendo atualizada. É uma atualização que em cada momento de sua existência é incompleta” KOSMAN, 1969, p. 50: “a atualidade que é uma potencialidade em sua plena manifestação”, mas uma do “tipo de enérgia degenerada”, e p. 59. AUBENQUE, 1997, p. 453 e 456: “definir o movimento em termos de ato e potência não é outra coisa que explicitar o movimento em termos que já o pressupõem” e “um ato sempre inacabado porque seu ato é o ato mesmo do inacabamento.”

Barbosa, Rafael Mello  
*Como pode o movimento ser um ato?*

principia, isto é, o principiado. Este é o ponto fundamental que leva Aristóteles a criticar a posição de Parmênides e Melisso, uma vez que, segundo ele, estes filósofos teriam professado a doutrina do ser como uma única unidade indivisível, excluindo, assim, a possibilidade de haver princípio. Em havendo princípio, duas coisas estão necessariamente envolvidas, pois o “princípio é de coisa ou coisas”<sup>13</sup>. Esta é a compreensão de fundo que orienta a concepção aristotélica de natureza (que é um princípio do vir a ser), bem como a obra que versa sobre ela.

Princípio só será isso que ele é, caso principie algo. Princípio deve “derivar” o principiado. Um “princípio de nada” não seria princípio – tal como o Ser de Parmênides que, sendo único, não pode ser princípio. A relação entre pai e filho ajuda a esclarecer a questão. Um pai só se torna pai quando tem um filho, e não antes. É evidente a dependência do filho para com o pai, pois, sem este, aquele não seria. Mas o pai também depende do filho, pois, ainda que exista sem seu filho, não será pai. O mesmo ocorre na relação do princípio com o principiado. Supor ter surgido do nada, antes como agora, soa completamente absurdo; se surgiu, possui um “de onde”. Por outro lado, mesmo a despeito da eminência do princípio, este só se dá na relação com o principiado, o princípio também depende do principiado; essa dependência não é a mesma, mas deve ser considerada, pois ser pai para o homem é algo que pode acontecer ou não, mas o princípio (sobretudo os primeiros) não seria ele mesmo outra coisa do que fonte de ser e vir a ser.

Entretanto, a compreensão da *Física* de Aristóteles segundo a perspectiva adotada por Simplício e reforçada posteriormente, impede que este nexos estrutural apareça com toda sua força, pois concebe o princípio primeiro como separado daquilo que ele principia, tornando-o algo independente do mundo, ainda que seja aquilo que deve ser dito princípio acima de tudo.

Ainda que o intuito de Simplício seja manter essa separação do princípio daquilo que deriva dele, a noção de princípio em ato, não pode ser pensada se não for na relação com o seu desdobramento, com aquilo que ocorre quando o princípio se realiza enquanto tal. Será princípio efetivo quando estruturar maneiras de ser e de vir a ser, seja em si mesmo como outro seja em outro.

Simplício julga que “*ato puro*” no primeiro axioma do movimento – “há,

---

<sup>13</sup> *Física*, 185a4-5.

Barbosa, Rafael Mello  
*Como pode o movimento ser um ato?*

certamente, o que é apenas em ato puro e o que é em potência e em ato” – esteja se referindo a Deus. Assim haveria de um lado Deus, aquilo que pode ser compreendido plenamente como ato, e, do outro lado, o mundo natural que será sempre “impuro” e ato e potência estariam sempre misturados. Neste caso, dificilmente vê-se Deus como princípio e a sua relação com o mundo natural. Como se vê, a interpretação desta passagem é decisiva e determinante na compreensão do que é o movimento. Contudo, se a perspectiva devesse ser a aristotélica, bastaria ouvir aquilo que é frequentemente repetido no Livro II concernente à matéria e a forma: que são estes dois os princípios naturais e moventes<sup>14</sup>, mas que a forma é um princípio não natural porque está fora do âmbito do movimento e deve sempre ser dito como ato, além de ser aquilo que atrai a matéria como se o fosse pelo “amor”<sup>15</sup>.

Os princípios que movem de maneira natural são duplos, dos quais um deles não é natural, pois não tem nele mesmo princípio de movimento. Dessa maneira é aquilo que move e não é movido, assim como todo o imóvel e o primeiro de todos e o que é e a forma, pois é fim e o em vista de.<sup>16</sup>

Apresentar a relação dual de ato puro e potência e ato não é outra coisa que retomar o caráter duplo da natureza. Natureza é apresentada tanto como forma, quanto como matéria (sendo, a primeira, mais natureza, entre outras razões, por ser estritamente relacionada com a efetividade); a forma que é a natureza é sempre em efetividade; não sendo em efetividade, não é primeiro princípio, nem natureza. Dizer que o movimento tem como primeiro horizonte aquilo que é somente em ato e aquilo que é em potência e em ato é por em termos análogos a relação básica de forma e matéria (entendendo matéria como aquilo que sempre comporta algo da forma e algo não informado, algo em ato e algo em potência).

O problema de assimilar o ato puro a Deus no primeiro axioma do movimento, se dá no fato de trabalhar com a noção de princípio primeiro como algo externo ao ente e auto subsistente em seu ‘ser para si’ sem ‘ser [origem] de outro’. Nesta assimilação

---

<sup>14</sup> 198a35-36 – διτται δὲ αἱ ἀρχαὶ αἱ κινῶσαι φυσικῶς, ὧν ἡ ἑτέρα οὐ φυσικὴ· οὐ γὰρ ἔχει κινήσεως ἀρχὴν ἐν αὐτῇ. τοιοῦτον δ' ἐστὶν εἴ τι κινεῖ μὴ κινούμενον, ὥσπερ τό τε παντελῶς ἀκίνητον καὶ [τὸ] πάντων πρῶτον καὶ τὸ τί ἐστὶν καὶ ἡ μορφή· τέλος γὰρ καὶ οὗ ἕνεκα·

<sup>15</sup> 192a22-23 – τὸ εἶδος διὰ τὸ μὴ εἶναι ἐνδεές, οὔτε τὸ ἐναντίον (φθαρτικὰ γὰρ ἀλλήλων τὰ ἐναντία), ἀλλὰ τοῦτ' ἐστὶν ἡ ὕλη, ὥσπερ ἂν εἰ θῆλυ ἄρρενος καὶ αἰσχροὺν καλοῦ.

<sup>16</sup> 198a35-36 – διτται δὲ αἱ ἀρχαὶ αἱ κινῶσαι φυσικῶς, ὧν ἡ ἑτέρα οὐ φυσικὴ· οὐ γὰρ ἔχει κινήσεως ἀρχὴν ἐν αὐτῇ. τοιοῦτον δ' ἐστὶν εἴ τι κινεῖ μὴ κινούμενον, ὥσπερ τό τε παντελῶς ἀκίνητον καὶ [τὸ] πάντων πρῶτον καὶ τὸ τί ἐστὶν καὶ ἡ μορφή· τέλος γὰρ καὶ οὗ ἕνεκα·

Barbosa, Rafael Mello  
*Como pode o movimento ser um ato?*

assume-se a simplicidade do “princípio”, mas não o assumem primeiramente como princípio. Tal posição configurou historicamente o horizonte da interpretação da noção de movimento. Se a noção de movimento, de maneira geral, é derivada de uma relação de exterioridade com o princípio primeiro, então também todos os tipos de movimentos ocorrerão de modo extrínseco. Enquanto o ato puro for visto como um princípio externo, o movimento figurará sempre como figura auto-aniquilante de si e do mundo de que faz parte, pois a marca da exterioridade do princípio seria a incapacidade do ente sustentar suas características perpetuamente, como acontece com Deus e com aquilo que é ato puro.

No entanto, se assumirmos a sugestão de Aristóteles na *Física* e entendermos o primeiro ato como a forma inerente a cada ente natural e aquilo que permite e impele que tais entes sejam o que são, deixa-se aberta a possibilidade de haver movimentos derivados de impulso interno e de coisas que se realizam a si mesmas com e pelo movimento, assim como dos que não se direcionam para ou não possuem internamente princípio e são dependentes dos que possuem, como os entes artificiais.

### **À guisa de conclusão**

A palavra movimento é dessas que usamos muito, seja ordinariamente no dia-a-dia, seja em elaborações filosóficas, mas que poucas vezes empreendemos a tarefa de precisar-lhe o sentido. Evidentemente não julgamos ter exaurido todos os sentidos possíveis dela, mas contribuído para a percepção da sua complexidade e importância.

Pudemos neste artigo acompanhar, não só três sentidos de movimento, mas igualmente uma disputa milenar pela sua compreensão e pelo seu sentido. Newton julga que os antigos estavam preocupados em demasia com “formas substanciais e qualidades ocultas”<sup>17</sup>, com isso parece referir-se à física aristotélica, cuja principal marca, como vimos, são as formas que conferem o modo de ser de cada coisa. Para ele a física deveria daí distanciar-se e aproximar-se da matemática, mais especificamente da geometria. Além disso, em função do seu caráter operatório e prático a física deveria ser compreendida como mecânica racional, que se distingue da mecânica prática por “proceder cuidadosamente por demonstrações”<sup>18</sup> e da geometria por esta tratar seus objetos com exatidão, enquanto a mecânica não.

---

<sup>17</sup> NEWTON, 1993, p.3.

<sup>18</sup> Idem.

Barbosa, Rafael Mello  
*Como pode o movimento ser um ato?*

Simplicio, por sua vez, julga inadequada a definição de movimento desenvolvida na *Física* 3,1-3, e julga que ela precisa ser reformulada em função da proximidade da noção de movimento com a noção de ato (*entelécheia*), as quais, para ele, parecem ser absolutamente incompatíveis e não deveriam de forma alguma serem colocadas lado a lado, muito menos dever-se-ia atribuir ato ao movimento. Ao assumir o movimento como a passagem da potência para o ato, Simplicio cria um terceiro item, que não corresponde à potência nem ao ato, um estágio intermediário entre eles. O movimento ou bem não seria nem em potência, nem em ato, o que parece ser impossível na filosofia aristotélica, ou seria simultaneamente em potência e em ato no mesmo sentido, por isso contraditória. Evidentemente a filosofia desenvolvida na física não comporta tal intermediário, isto é, ou algo é em potência ou é em ato.

O ato que é o movimento é difícil de ser visto porque ele não é um ato comum, não é o ato de um atributo, nem o ato de uma causa propriamente dita, mas um ato derivado que ocorre simultaneamente.

Que não é o ato de um atributo como ser branco ou culto, está claro, pois nestes casos branco e culto estão em repouso e nenhuma diferença vem a ser que permita o movimento (o movimento ocorreria, nestes casos, entre o branco e o não-branco ou entre o culto e o não-culto). Todavia, não deve passar despercebido que o atributo figura como isso que é tanto porque causas conduziram e permitiram que ele viesse a ser, quanto porque causas continuam atuando e permitindo que continue a ser. Não é ato propriamente de qualquer uma das quatro causas, pois quando algo se move não implica no movimento delas.

Para os entes naturais, o movimento é impulsionado pela causa que mais propriamente pode ser chamada de natureza, a forma como causa final<sup>19</sup>. Para os entes artificiais o princípio de movimento deve ser procurado na causa motriz. Independentemente da origem do impulso do movimento, duas coisas precisam ser ditas, ele não ocorre na causa que o impulsiona e ele ocorre a reboque da causa que o impulsiona e sempre quando esta está em ato. O movimento será o ato derivado da causa que altera aquilo que mais precisamente pode ser alterado e continuamente alterado. Por isto não se deve considerar que ele ocorra na matéria propriamente dita,

---

<sup>19</sup> *Física*, 199a30-33 – Uma vez que a natureza é dupla, podendo ser dita como a matéria, por um lado, e por outro, como forma, e essa é a finalidade, essa é a causa que pode ser dita como a causa em vista de.

Barbosa, Rafael Mello  
*Como pode o movimento ser um ato?*

pois esta (enquanto está constituída) já está informada. Por exemplo, quando distinguimos a madeira de cerejeira da de jatobá, a madeira, a matéria da árvore já é segundo a sua forma inerente, e se alguma alteração lhes ocorre, ela estará de acordo com as propriedades de cada uma destas madeiras.

Todavia a matéria, diferente da forma, comporta uma parte em ato e outra em potência, é esta única que suporta receber diferenciações continuamente sem deixar de ser isso que é. É este lado da matéria que pode bem ser designado por “ente em potência enquanto tal”. Por isso a definição de movimento aponta para “o ato do ente em potência enquanto tal”, referindo-se não a em potência em particular, como o homem que é potencialmente branco ou culto, mas um ente que é simplesmente em potência. O movimento não é um ato propriamente deste ente, como falamos antes, não é ato realizado por si mesmo, mas derivado e simultâneo à causa que impulsiona o movimento.

Ainda que seja difícil de ver o movimento é possível. Natureza é princípio de vir-a-ser e um modo bastante específico de ser princípio. Um princípio de nada não é princípio, por isso todo princípio deve “princípios” algo naquilo de que ele é princípio. O movimento ocorre quando o princípio de movimento, aquilo que conduz cada coisa, impele àquilo que é potencialmente outro a ser outro continuamente.

### **Referências bibliográficas**

- AUBENQUE, P. Le problème de l'être chez Aristote. Paris: P. U. F., 1997.
- BLACKWELL, R. J.; THRIKEL, W. E. T. Aquino. Commentary on Aristotle's Physics. Notre Dame, Indiana, Dumb Ox Books, 1999.
- BRENTANO, F. Aristote. (1862). Les diverses acceptions de l'être. Éd. Paris: Vrin, 2000. (Bibliothèque des Textes Philosophiques).
- KOSMAN, L. A. Aristotle's Definition of Motion. Phronesis, v. 14, p. 40-62, 1969.
- NEWTON, Princípios Matemáticos da Filosofia Natural, 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Col. Os Pensadores).
- PHILOPONUS, J. Philosophus in Aristotelis Physica commentaria, ed. Hieronymus Vitelli (Comm. in Arist. Graeca xvi, xvii), Berlin 1887-8.

Barbosa, Rafael Mello  
*Como pode o movimento ser um ato?*

ROSS, W. D. Aristotle's Physics, a revised text with introduction and commentary.  
Oxford: Clarendon Press, 1936.

SIMPLICIUS Phil. In: Aristotelis Physica commentaria, ed. H. Diels (Comm. in Arist.  
Graeca ix and x). Berlin, 1882-95.

[ Recebido em janeiro de 2019; aceito em março de 2019. ]